

(RE) EXISTÊNCIAS DE CORPOS CRIANTES: DESFRONTEIRAS DA ESTÉTICA NAS ARTES

RAI LEON SOUZA DE LIMA¹; ÉDIO RANIERE DA SILVA²; ROSÂNGELA FACHEL DE MEDEIROS³

¹UFPEL – raileonsouza@gmail.com

²UFPEL – edioranieri@gmail.com

³UFPEL – rosangelafachel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa um recorte da pesquisa que está sendo realizada no Mestrado em Artes pela UFPEL onde buscamos pensar a transversalidade das artes, como geradoras de saúde por meio da perspectivas de narrativas e teorias queer e crip. A criação artística em contextos de marginalização de corporalidades dissidentes da normatividade de sexualidade e produtivismo capacitista, frequentemente, se manifesta como um ato de resistência, no qual as imagens produzidas carregam em si uma função de contestação às normatividades impostas. Este estudo investiga como essas imagens são concebidas e de que maneira a subjetividade das pessoas artistas influencia seus processos criativos, particularmente em cenários onde a arte emerge como um meio de sobrevivência cultural e afirmação identitária. Inspirando-se no conceito de imagem proposto por ANNE SAUVAGNARGUES (2020), entendemos que imagens não são meras representações visuais, mas interstícios que se formam através de processos de percepção, ação e afeição. A subjetividade, nesse sentido, não é uma entidade individual isolada, mas um agenciamento de relações que atravessam o sujeito e o mundo, emergindo não apenas como expressões artísticas, mas como dispositivos de resistência que subtraem e reconfiguram a realidade, moldando novos enquadramentos e perspectivas. A questão central que orienta esta pesquisa é: como nascem as imagens que já surgem com a função de resistir?

A problemática torna-se relevante porque aborda a arte não apenas como expressão estética, mas também como uma prática que desafia e subverte as estruturas socioculturais, que marginalizam determinados grupos que não incorporam a cisheteronormatividade capacitista dominante. Entender como essas produções artísticas são criadas e por que elas carregam em si a marca da resistência pode oferecer novas perspectivas sobre o papel da arte em sociedades contemporâneas, especialmente, em contextos de opressão.

Para explorar essa questão, o estudo se fundamenta em teorias que concebem a arte como um espaço de resistência e reflexão crítica. THEODOR ADORNO (1970), em *Teoria Estética*, argumenta que a arte possui um potencial crítico que permite questionar a sociedade, posicionando-se como um contraponto às normas estabelecidas. Essa perspectiva é fundamental para entender como a criação artística pode funcionar como um ato de resistência.

W.J.T. MITCHELL (1986), em *Iconology: Image, Text, Ideology*, discute a imagem como uma interface, na qual se entrelaçam ideologias e significados sociais, sugerindo que a imagem vai além da simples representação visual e opera como um meio de comunicação complexa. Especificamente, em contextos latino-americanos, as imagens não só refletem, mas também moldam as tensões sociais e culturais. SILVIA CUSICANQUI (2015), em *Sociología de la imagen*,

argumenta que as imagens funcionam como um campo dinâmico onde se cruzam diferentes camadas de significado e memória, particularmente em sociedades coloniais e pós-coloniais. Essa ideia contribui diretamente para a argumentação de que as imagens criadas em contextos de marginalização carregam em si significados que transcendem a mera estética.

HANS BELTING (2011), em *Antropologia das imagens*, enfatiza a conexão entre corpo, mídia e cultura na formação das imagens, destacando a subjetividade da pessoa artista como elemento central na criação artística. Essa noção é crucial para este estudo, pois aponta como a subjetividade influencia a produção de imagens que resistem às normatividades culturais.

RITA SEGATO (2015), em *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos*, aborda a relação entre poder, colonialidade e representações visuais, destacando como a arte e as imagens participam da construção e perpetuação de hierarquias sociais. Para SEGATO, a colonialidade do poder não se manifesta apenas nas esferas políticas e econômicas, mas também nos campos da cultura e da visualidade, nos quais corpos e identidades subalternizados são representados de maneira estereotipada ou invisibilizados.

GRADA KILOMBA (2019), em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, explora como as emoções e afetos são intrinsecamente ligados às experiências de racismo e colonialidade, revelando que as narrativas e expressões artísticas das pessoas marginalizadas carregam uma profunda carga emocional. Kilomba argumenta que, longe de serem meros registros de dor, essas narrativas são espaços de resistência, nos quais o trauma e a opressão são ressignificados, permitindo que as emoções transcendam as limitações impostas pela marginalização. Esse enfoque é crucial para entender como as imagens e histórias produzidas em contextos de exclusão não são definidas pela dor, mas sim, enriquecidas e potencializadas por uma ampla gama de emoções que desafiam e subvertem as estruturas de poder.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo conduzida por meio de uma revisão bibliográfica teórico-crítica situada, que envolveu a seleção de estudos sobre imagem, sociedades e culturas para a compreensão da relação entre arte, subjetividade e resistência. As fontes foram escolhidas com base em sua relevância teórico-crítica e contribuição para a discussão sobre como a criação artística pode funcionar como um ato de resistência em contextos de marginalização. A análise foi estruturada a partir da conexão entre as teorias elencadas e as reflexões acerca da (re)existência nas artes, com especial atenção para a forma como a subjetividade e a temporalidade influenciam o processo criativo.

As fontes estão sendo integradas na análise por meio de uma leitura crítica que buscou identificar como cada autoria contribui para a construção da argumentação central.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais até aqui indicam que a criação artística, não se limita à mera representação visual, mas se configura como um espaço de resistência que desafia e subverte as normatividades sociais. A subjetividade da pessoa artista é identificada como um elemento central nesse processo, pois traz para a obra suas vivências, afetos e perspectivas, criando formas de saber que

são próprias e inalienáveis. A arte, nesse sentido, emerge em contraponto às imposições normativas, uma maneira de afirmar subjetividades marginalizadas .

A pesquisa também tem mostrado que a temporalidade na criação artística de artistas originários de contexto de marginalização não segue um curso linear rígido, mas é moldada por suas experiências marginais e resistências culturais. JOSÉ ESTEBAN MUÑOZ (2020), em *Utopía queer*, propõe o conceito de tempo *queer*, que desafia a linearidade normativa e cria espaços de potência e esperança. Essa perspectiva é reforçada por LEDA MARIA MARTINS (2021), em *Performances do tempo espiralar*, que sugere que o tempo na criação artística se entrelaça em espirais, refletindo a complexidade das experiências vividas por grupos marginalizados. JUDITH BUTLER (2004), em *Vida precária*, também contribui ao argumentar que as experiências queer, frequentemente, subvertem a temporalidade normativa, criando novas possibilidades de existência e expressão.

Essas análises confirmam que o processo de criação artística, especialmente, em contextos de marginalização, é um ato de sobrevivência e afirmação. DONNA HARAWAY (2016), em *Ficar com o problema*, destaca a importância da criação coletiva de novas formas de existência e resistência, para a promoção de um constante devir e transformação. ACHILLE MBEMBE (2019), em *Necropolítica*, argumenta que a gestão da vida e da morte em contextos de marginalização afeta diretamente a produção sociocultural, evidenciando que a criação artística nesses cenários é uma forma de resistir e sobreviver.

4. CONCLUSÕES

Nossa pesquisa nos permite destacar a importância de reconhecer a criação artística, em contextos de marginalização, como uma prática que vai além da expressão estética, configurando-se também como um ato de resistência sociocultural e de sobrevivência. A expressão artística emerge como uma forma de contestar e subverter as normas impostas, sendo moldada pela subjetividade das pessoas artistas e pela temporalidade não linear de suas vivências. E acreditamos que as discussões, aqui apresentadas, contribuem para uma melhor compreensão de como a subjetividade e a resistência estão entrelaçadas nos processos de criação artística.

Para a continuidade de nossa pesquisa, bem como para pesquisas futuras, acreditamos ser importante explorar como esses conceitos podem ser aplicados em outros contextos culturais e históricos, bem como investigar outras formas de resistência que se manifestam por meio da arte. Além disso, é relevante considerar a aplicação de metodologias empíricas para complementar as análises teóricas e aprofundar o entendimento da relação entre arte, subjetividade e resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. **Teoria Estética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.
- SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **Antropologia da Imagem: Para uma ciência da imagem, de Hans Belting**. *Tríade*, Sorocaba, v. 6, n. 12, p. 140-143, set. 2018. DOI: 10.22484/2318-5694.2018v6n12p140-143.

BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. Belo Horizonte, editora autêntica, 2019.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MITCHELL, W. J. T. **Iconology: Image, Text, Ideology**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MUÑOZ, J. E. **Utopía Queer: El entonces y allí de la futuridad antinormativa**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2020.

MARTINS, L. M. **Performances do Tempo Espiral**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2021.

RANIERE, E.; HACK, L. **Somos nada mais que imagens**: Entrevista com Anne Sauvagnargues. Revista Polis e Psique, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 6–29, 2020. DOI:

10.22456/2238-152X.97503. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/97503>. Acesso em: 6 out. 2024.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: ensayos**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

SEGATO, R. L. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: y una antropología por demanda**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015